

## **Unidades de conservação como espaços de diálogos para a educação ambiental crítica**

*Marcos Vinícius Campelo Junior<sup>1</sup>*  
*Luiz Henrique Ortelhado Valverde<sup>2</sup>*  
*Luiz Eduardo da Silva<sup>3</sup>*  
*José Flávio Rodrigues Siqueira<sup>4</sup>*

### **RESUMO**

Este artigo discute as possibilidades de um processo de ensino-aprendizagem, o Estudo do Meio, à luz da Educação Ambiental Crítica (EAC), especialmente em Unidades de Conservação (UC), por meio de uma revisão de literatura. Os parques possibilitam e favorecem a visitação com objetivo educacional, sendo espaços propícios para o desenvolvimento de ações e práticas em Educação Ambiental com os visitantes diretos e também a comunidade em geral. Os parques são potencialmente espaços educadores quando permitem o diálogo que pode ser alcançado a partir do processo da “Educação Ambiental Crítica”, defendida por Layrargues (2002). Assim, propõe-se o Estudo do Meio, por ser um método bem prescrito e que propõe a observação atenta sobre as questões que nem sempre são aparentes, ou seja, extrapolam-se as questões biológicas da fauna e flora dos Parques. Portanto, sugere-se o entrelaçamento do Estudo do Meio, da Educação Ambiental Crítica e da Pedagogia Ambiental para a transformação das UC em espaços educadores sustentáveis.

**Palavras-chave:** Parques. Estudo do Meio. Educação Ambiental Crítica.

### **CONSERVATION UNITS AS SPACES OF DIALOGUES FOR CRITICAL ENVIRONMENTAL EDUCATION**

#### **ABSTRACT**

This article discusses the possibilities of a teaching-learning process, the Study of the Environment, in the light of Critical Environmental Education (CEE), especially in Conservation Units (CU), through a literature review. The parks enable and favor visitation for educational purposes, being favorable spaces for the development of Environmental Education actions and practices with direct visitors and also with the community in general. Parks are potentially educational spaces when they allow the dialogue that can be reached from the process of “Critical Environmental Education”, defended by Layrargues (2002). Thus, the Study of the Environment is proposed, as it is a well-planned method that proposes careful observation of issues that are not always obvious, that is, the biological issues of the fauna and flora of the Parks are

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências da UFMS, Campus Campo Grande-MS, e-mail: campelogeografia@gmail.com

<sup>2</sup> Mestrando do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências da UFMS, Campus Campo Grande-MS, e-mail: valverde.ufms@gmail.com

<sup>3</sup> Mestrando do Programa de Pós-graduação em Geografia da UFMS, Campus Três Lagoas-MS, e-mail: luiz.dus97@gmail.com

<sup>4</sup> Doutorando do Programa de Pós-graduação em Ensino de Ciências da UFMS, Campus Campo Grande-MS, e-mail: siqueirajfr@gmail.com

Junior, Marcos Vinícius Campelo; Valverde, Luiz Henrique Ortelhado; Silva, Luiz Eduardo da; Siqueira, José Flávio Rodrigues. **Unidades de conservação como espaços de diálogos para a educação ambiental crítica**. Revista Pantaneira, V.18, Edição especial IV Workshop do PPGEQ/CPAQ/UFMS e 3ª Mostra de pesquisa dos cursos de pós-graduação e graduação em geografia, “Olhares e lugares geográficos do ensino, saúde, ambiente e sociedade na pandemia”, UFMS, Aquidauana-MS, novembro de 2020.

extrapolated. Therefore, it is suggested to intertwine the Study of the Environment, Critical Environmental Education and Environmental Pedagogy for the transformation of UC into sustainable educational spaces.

**Keywords:** Parks. Study of the Environment. Environmental Education.

## **UNIDADES DE CONSERVACIÓN COMO ESPACIOS DE DIÁLOGO PARA LA EDUCACIÓN AMBIENTAL CRÍTICA**

### **RESUMEN**

En este artículo se analizan las posibilidades de un proceso de enseñanza-aprendizaje, el Estudio del Medio Ambiente, a la luz de la Educación Ambiental Crítica (EAC), especialmente en Unidades de Conservación (UC), a través de una revisión de la literatura. Los parques posibilitan y favorecen la visitación con fines educativos, siendo espacios propicios para el desarrollo de acciones y prácticas en Educación Ambiental con visitantes directos y también con la comunidad en general. Los parques son espacios potencialmente educativos cuando permiten el diálogo que se puede alcanzar desde el proceso de “Educación Ambiental Crítica”, defendido por Layrargues (2002). Así, se propone el Estudio del Ambiente, por ser un método bien planteado que propone una observación atenta sobre cuestiones que no siempre son evidentes, es decir, se extrapolan las cuestiones biológicas de la fauna y la flora de los Parques. Por ello, se sugiere entrelazar el Estudio de Medio Ambiente, Educación Ambiental Crítica y Pedagogía Ambiental para la transformación de las UC en espacios educativos sostenibles.

**Palabras clave:** Parques. Estudio del Ambiente. Educación Ambiental Crítica.

### **Introdução: Contextualizando as ideias**

A proposta deste estudo é discutir, por meio de uma revisão de literatura, as possibilidades de um processo de ensino-aprendizagem à luz da Educação Ambiental Crítica (EA), especialmente em Unidades de Conservação, espaços que oferecem a aproximação física entre o ser e o meio, e que podem viabilizar discussões acerca das problemáticas socioambientais. Assim, embasados em práticas de Educação Ambiental será possível buscar alternativas efetivas de ações e atitudes individuais e coletivas na tentativa de reaproximação do sujeito e da natureza – binômio que há décadas sofre os males de sua dissociação.

O Brasil é detentor de expressiva biodiversidade em seu território, com enorme riqueza de flora e de fauna, sendo considerada a maior biodiversidade do planeta, cuja variedade de vida existente corresponde a mais de 20% do número total de espécies da Terra (BRASIL, 2019).

Todavia, essa biodiversidade precisa ser protegida diante das ameaças advindas dos problemas ambientais, que são parte de uma crise que se instalou no planeta. Essa crise ambiental é resultante de um distúrbio civilizatório que envolve valores éticos e morais marcados pelo modelo de modernidade, regido conforme o predomínio do desenvolvimento da razão tecnológica sobre a organização da natureza (LEFF, 2011).

O “nosso tempo” vem sendo marcado pela crise ambiental, que não deve ser reduzida a uma crise puramente ecológica. A crise ambiental contemporânea, em seu

Junior, Marcos Vinícius Campelo; Valverde, Luiz Henrique Ortelhado; Silva, Luiz Eduardo da; Siqueira, José Flávio Rodrigues. **Unidades de conservação como espaços de diálogos para a educação ambiental crítica**. Revista Pantaneira, V.18, Edição especial IV Workshop do PPGE/CPAQ/UFMS e 3ª Mostra de pesquisa dos cursos de pós-graduação e graduação em geografia, “Olhares e lugares geográficos do ensino, saúde, ambiente e sociedade na pandemia”, UFMS, Aquidauana-MS, novembro de 2020.

interior, carrega suas contradições, as quais são de fundamental importância compreender. A ideia de que o meio ambiente esteja cada vez mais próximo do seu limite deve ser interpretada não somente a partir do colapso da natureza e sua acentuada exploração, mas também buscando respostas para indagações do porquê e sob quais mecanismos chegamos ao atual contraste da crise. Acerca da crise ambiental, De Gregori e De Araujo (2013, p. 701), nos apresenta a ideia de que

[...] a tão falada crise ambiental, que muitas vezes é interpretada meramente como uma crise ecológica, é sustentada pela crise da razão, a crise do conhecimento, da construção concepções que a natureza é algo externo ao indivíduo.

Mediante a ideia de separação entre o sujeito e a natureza, construíram-se concepções que legitimaram a exploração natural.

Reforçando o contexto, a partir dos escritos de Bernardes e Ferreira (2009, p.17),

A compreensão tradicional das relações entre a sociedade e a natureza desenvolvidas até o século XIX, vinculadas ao processo de produção capitalista, considerava o homem e a natureza como polos excludentes, tendo subjacente a concepção de uma natureza objeto, fonte ilimitada de recursos à disposição do homem.

As marcas permanentes deixadas pelas revoluções industriais são fatos na dimensão espaço-temporal que nos mostram que a concepção dissociativa entre sociedade-natureza e o desenvolvimento de produção capitalista andam de mãos dadas, juntamente a outros atores espaciais, potencializando as tensões da crise ambiental e minimizando as condições atuais e futuras para a existência de vida humana e das demais espécies e gerações de seres vivos.

Os mosaicos que podem ser observados na paisagem, formados por fragmentos que ainda sobram da intensa exploração da natureza e urgem pela conservação e manutenção, são resultados do caos advindo da lógica de produção capitalista e os agentes transformadores do espaço, uns intencionalmente e outros impregnados ideologicamente e sustentados pela ideia de hierarquia entre o ser e o meio.

Diante de tal contexto, buscando proteger o que “ainda” resta de nós - expressão em aspas duplas para dar ênfase na condição do que pode vir a acabar e o término da oração com “nós” no sentido de entendermos que somos parte indissociável da natureza - foram

Junior, Marcos Vinícius Campelo; Valverde, Luiz Henrique Ortelhado; Silva, Luiz Eduardo da; Siqueira, José Flávio Rodrigues. **Unidades de conservação como espaços de diálogos para a educação ambiental crítica**. Revista Pantaneira, V.18, Edição especial IV Workshop do PPGE/CPAQ/UFMS e 3ª Mostra de pesquisa dos cursos de pós-graduação e graduação em geografia, “Olhares e lugares geográficos do ensino, saúde, ambiente e sociedade na pandemia”, UFMS, Aquidauana-MS, novembro de 2020.

criados espaços de proteção da biodiversidade em diferentes escalas geográficas, do local ao global. No Brasil, esses espaços são denominados Unidades de Conservação e se apresentam como um dos meios de salvaguardar parcelas dos ecossistemas brasileiros e são áreas delimitadas do território nacional, criadas pelo Governo Federal, bem como pelas unidades de federação por meio dos respectivos governos estaduais e municipais, para proteção de ecossistemas significativos, tendo entre seus objetivos gerais a condução de atividades de EA, com o objetivo de desenvolver uma consciência pública voltada para a conservação do meio ambiente e dos recursos naturais (BRASIL, 2000).

O Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) agrupa as Unidades de Conservação em dois tipos, de acordo com seus objetivos de manejo e usos de cada uma: Unidades de Conservação de Proteção Integral e Unidades de Conservação de Uso Sustentável.

O grupo das Unidades de Conservação de Proteção Integral tem como objetivo básico a preservação da natureza, aceitando apenas o uso indireto dos seus recursos naturais, com exceção dos casos previstos em Lei. Compreende cinco categorias: Estação Ecológica, Reserva Biológica, Parque Nacional, Monumento Natural e Refúgio da Vida Silvestre. Destas, a Estação Ecológica, a Reserva Biológica e o Parque Nacional são unidades em que pode haver visitação pública com objetivo educacional, desde que haja regulamentação específica ou disposta no plano de manejo (BRASIL, 2000). Diante dessas considerações, os parques apresentam condições e abertura para visitação pública, inclusive com objetivo educacional – uma janela para a Educação Ambiental com a possibilidade de contribuir com a sua potencialidade como ferramenta de transformação e reaproximação para a relação sociedade-natureza.

### **Os parques e os processos educacionais**

Resgatando a discussão, os parques possibilitam e favorecem a visitação com objetivo educacional, sendo espaços propícios para o desenvolvimento de ações e práticas em Educação Ambiental com os visitantes diretos - aqueles que vão até os parques e contemplam o perímetro e o seu interior - e também a comunidade em geral nas mais diversas escalas, que podem ser compostas de moradores da região dessas áreas.

As ações e demais atividades desenvolvidas podem ser estritamente não formais ou

Junior, Marcos Vinícius Campelo; Valverde, Luiz Henrique Ortelhado; Silva, Luiz Eduardo da; Siqueira, José Flávio Rodrigues. **Unidades de conservação como espaços de diálogos para a educação ambiental crítica**. Revista Pantaneira, V.18, Edição especial IV Workshop do PPGEIO/CPAQ/UFMS e 3ª Mostra de pesquisa dos cursos de pós-graduação e graduação em geografia, "Olhares e lugares geográficos do ensino, saúde, ambiente e sociedade na pandemia", UFMS, Aquidauana-MS, novembro de 2020.

inicialmente formais, havendo a possibilidade de ampliar a participação de diferentes sujeitos, como a participação para escolas e universidades no interior dessas áreas a partir de propostas de aulas de campo ou ainda com ações educativas orientadas pelo viés turístico. O que deve se considerar nas ações desenvolvidas é a articulação com atividades que visem a conservação da biodiversidade, o manejo sustentável da natureza, o ecoturismo e demais ações voltadas ao desenvolvimento da consciência ecológica dos sujeitos.

Para as Unidades de Conservação, o SNUC aponta a implantação de programas de educação ambiental de forma a "favorecer condições e promover a educação e interpretação ambiental, a recreação em contato com a natureza e o turismo ecológico" (BRASIL, 2000, s.p.). À vista disso, os parques podem se configurar como espaços educadores que devem ser reconhecidos e aproveitados, pois são de grande relevância para o desenvolvimento da EA, por meio do diálogo, como prática social e de constituição do público visitante como cidadão.

Para a compreensão do conceito de Espaço Educador recorre-se à Trajber e Sato (2010) que definem Espaços Educadores Sustentáveis como:

[...] aqueles que têm a intencionalidade pedagógica de se constituir em referências concretas de sustentabilidade socioambiental. Isto é, são espaços que mantêm uma relação equilibrada com o meio ambiente; compensam seus impactos com o desenvolvimento de tecnologias apropriadas, permitindo assim qualidade de vida para as gerações presentes e futuras (TRAJBER; SATO, 2010, p. 71).

Os parques são potencialmente espaços educadores quando permitem o diálogo que pode ser alcançado a partir do processo da "Educação Ambiental Crítica", defendida por Layrargues (2002, p. 189) como "um processo educativo eminentemente político, que visa o desenvolvimento nos educandos de uma consciência crítica acerca das instituições, atores e fatores sociais geradores de riscos e respectivos conflitos socioambientais".

Sendo assim, cabe perguntar e refletir: quem são os atores que estão em meio a esse processo educativo? Como estabelecer o diálogo nesse processo?

É muito comum que além dos visitantes desses espaços estejam envolvidos os guardas-parques e guias que conduzem os visitantes por trilhas interpretativas, socializando informações a respeito da flora e da fauna local e havendo a possibilidade de

Junior, Marcos Vinícius Campelo; Valverde, Luiz Henrique Ortelhado; Silva, Luiz Eduardo da; Siqueira, José Flávio Rodrigues. **Unidades de conservação como espaços de diálogos para a educação ambiental crítica**. Revista Pantaneira, V.18, Edição especial IV Workshop do PPGEIO/CPAQ/UFMS e 3ª Mostra de pesquisa dos cursos de pós-graduação e graduação em geografia, “Olhares e lugares geográficos do ensino, saúde, ambiente e sociedade na pandemia”, UFMS, Aquidauana-MS, novembro de 2020.

avistar algumas espécies e demais elementos que compõem as paisagens dos parques. Porém, nesse processo, além de orientar pelos possíveis trajetos que compõem o parque, é importante que haja o diálogo e a troca de saberes entre o orientador e o orientado, o visitante e o guia.

O diálogo entre tais sujeitos possibilita uma leitura ampliada para o além do visual e percebido pelos órgãos do sentido. Faz-se importante, além da troca de conhecimento entre eles, a contextualização com elementos e questões que compõem o espaço em outras escalas, como, por exemplo, a própria questão ambiental e o desmatamento de determinadas espécies, assim orientando os visitantes e guiando não só o trajeto, mas também as ideias construídas em sua realidade e que poderão ser transformadas por meio da reflexão do quadro que há tempos temos enfrentado.

A consideração sobre “ir além de somente repassar informações”, corrobora com as contribuições de Paulo Freire, sobretudo na questão educacional. O repasse de informações pode ser entendido como uma prática de “educação bancária”, como sugere Freire (2002), na qual o educando é tratado tão somente como um depósito na transmissão de valores e conhecimentos. Ato que mantém *status quo* dos grupos dominantes e estimula as contradições da sociedade.

Por outro lado, o diálogo permite a criação de disposições democráticas, no sentido de substituir a antiga passividade de determinados grupos, estimulando a emergência de novos hábitos de participação (FREIRE, 1997).

Além disso, uma pedagogia do diálogo fomenta a criticidade sobre a realidade vivida: “a visão crítica e dinâmica da realidade que, empenhando-se em favor do seu desvelamento, desmascara sua mitificação e busca a plena realização da tarefa humana: a permanente transformação da realidade para a libertação dos homens” (FREIRE, 2002, p. 53).

A criticidade sobre as condições de existência local, em interface com a global, é algo fundamental para a construção/reconstrução de olhares sob o espaço geográfico. Nas palavras de Cooper e Anjos (2014, p. 135), “as bases do pensamento crítico são fundadas na capacidade de julgar, de forma que nada mais é importante que observarmos, sendo seres vivos no mundo, para que possamos julgar e agir sobre o que nos cerca com maior propriedade”. Olhar para o espaço com as “lentes do criticismo” nos permite identificar e compreender as relações inerentes a ele, observando e discutindo os atores espaciais, suas ações e demais articulações entre tais. A pedagogia de Freire (2002), pautada no diálogo,

Junior, Marcos Vinícius Campelo; Valverde, Luiz Henrique Ortelhado; Silva, Luiz Eduardo da; Siqueira, José Flávio Rodrigues. **Unidades de conservação como espaços de diálogos para a educação ambiental crítica**. Revista Pantaneira, V.18, Edição especial IV Workshop do PPGEIO/CPAQ/UFMS e 3ª Mostra de pesquisa dos cursos de pós-graduação e graduação em geografia, “Olhares e lugares geográficos do ensino, saúde, ambiente e sociedade na pandemia”, UFMS, Aquidauana-MS, novembro de 2020.

tem a finalidade de evidenciar e destacar as situações vividas, bem como discuti-la para possibilitar a libertação dos sujeitos, enxergando as facetas existentes em nosso cotidiano.

Diante destas ideias, o entendimento das relações inerentes ao espaço, a partir da visão crítica e questionadora proporciona ao sujeito novas perspectivas sobre o espaço, possibilitando tomadas de decisões individuais e coletivas, no que diz respeito às ações e atitudes quando identificada alguma problemática e/ou contradição, como a que se apresenta nesse estudo – a problemática socioambiental.

Nesse sentido, projetando o pensamento crítico para as ações no interior dos parques, alguns questionamentos podem ser feitos, por exemplo, durante uma trilha, questionando os visitantes a partir de perguntas como: Por que é necessária a existência das UC? Existem cuidados com as áreas do entorno do território das Unidades de Conservação? Por quais motivos é permitida a visita em algumas Unidades de Conservação e em outras não? Há a possibilidade de haver populações dentro dessas áreas de proteção? A biodiversidade está realmente protegida nessas áreas?. Instigar o pensamento e a reflexão do sujeito e a própria condição de sua existência, por meio de indagações como as elencadas, poderão proporcionar um espaço de construção de novos saberes e aprofundamento de questões, muitas vezes, somente conhecidas de maneira superficial.

Assim, práticas de EA realizadas dentro de parques devem ser pensadas de maneira que envolvam mediações na construção das transformações almejadas para que os atores envolvidos possam entender a UC na relação conflituosa entre sociedade-natureza da qual ela é parte. É importante compreender que essa relação foi construída mediante um modelo civilizatório contraditório, que exige criticidade nesse processo pedagógico para o enfrentamento dos problemas socioambientais. Nesse contexto, a EA de acordo com Layrargues (2002, p. 169), precisa ser

um processo educativo eminentemente político, que visa ao desenvolvimento nos educandos de uma consciência crítica acerca das instituições, atores e fatores sociais geradores de riscos e respectivos conflitos socioambientais. Busca uma estratégia pedagógica do enfrentamento de tais conflitos a partir de meios coletivos de exercício da cidadania, pautados na criação de demandas por políticas públicas participativas conforme requer a gestão ambiental democrática.

Nesse sentido, qualquer proposta de uma Educação Ambiental Crítica deve estar

Junior, Marcos Vinícius Campelo; Valverde, Luiz Henrique Ortelhado; Silva, Luiz Eduardo da; Siqueira, José Flávio Rodrigues. **Unidades de conservação como espaços de diálogos para a educação ambiental crítica**. Revista Pantaneira, V.18, Edição especial IV Workshop do PPGE/CPAQ/UFMS e 3ª Mostra de pesquisa dos cursos de pós-graduação e graduação em geografia, “Olhares e lugares geográficos do ensino, saúde, ambiente e sociedade na pandemia”, UFMS, Aquidauana-MS, novembro de 2020.

aliada a uma “nova pedagogia que surge da necessidade de orientar a educação dentro do contexto social e na realidade ecológica e cultural onde se situam os atores no processo educativo” (LEFF, 2011, p. 257).

### **Por uma pedagogia do diálogo e do ambiente**

Entende-se que o ambiente, representado aqui pelos parques, deve educar, mas não por ele mesmo, pois ele educa em conjunto com a mediação dos guias e a participação dos visitantes em uma troca sinérgica e democrática. Nessa esteira, Freire (2002) confirma que não há diálogo se não há um profundo amor ao mundo e a humanidade. Tem-se, então, a possibilidade do presente diálogo com o ambiente e com os que nele e com ele interagem.

Por isso, defende-se práticas que favoreçam a construção do saber ambiental entre os envolvidos no processo educativo dos parques. Isso porque o conceito de Saber Ambiental, Leff (2011), se apresenta como um conhecimento que extrapola as ciências ambientais, compostas de um conjunto de especializações surgidas da incorporação dos enfoques ecológicos às disciplinas tradicionais, pois os mesmos despertam valores éticos, dos conhecimentos práticos e dos saberes tradicionais, desconstruindo a racionalidade capitalista.

Por isso, o Saber Ambiental “impulsiona uma utopia como reconstrução da realidade a partir de uma multiplicidade de sentidos individuais e coletivos, para além de uma articulação científica, de intersubjetividades e de saberes individuais” (LEFF, 2009, p. 18).

Portanto, entende-se que o Estudo do Meio pode ser a estratégia que fortalecerá a discussão e suplementará as práticas e o diálogo entre os sujeitos e o ambiente.

O Estudo do Meio é entendido como um método de ensino interdisciplinar, pois busca proporcionar um mergulho do sujeito na complexidade de um determinado espaço geográfico, com intuito de verificar e produzir novos conhecimentos mediante o desenvolvimento de um olhar crítico e investigativo da realidade (LOPES; PONTUSCHKA, 2009).

De acordo com Lopes e Pontuschka (2009), o objetivo fundamental do Estudo do Meio é lançar um olhar mais profundo, de observador atento, as questões que não são aparentes. Por isso, o método é bem delineado e tende ao favorecimento do hábito educativo e da pesquisa.

Junior, Marcos Vinícius Campelo; Valverde, Luiz Henrique Ortelhado; Silva, Luiz Eduardo da; Siqueira, José Flávio Rodrigues. **Unidades de conservação como espaços de diálogos para a educação ambiental crítica**. Revista Pantaneira, V.18, Edição especial IV Workshop do PPGEIO/CPAQ/UFMS e 3ª Mostra de pesquisa dos cursos de pós-graduação e graduação em geografia, “Olhares e lugares geográficos do ensino, saúde, ambiente e sociedade na pandemia”, UFMS, Aquidauana-MS, novembro de 2020.

Assim, sob a luz do método interdisciplinar de ensino e de sua relação com a preservação das Unidades de Conservação, por meio da conscientização dos sujeitos espaciais, consideramos que o Estudo do Meio se apresenta, como uma relevante ferramenta pedagógica para potencializar as práticas de EA Crítica e reaproximar os sujeitos de seu meio.

Desse modo, confia-se no entrelaçamento do Estudo do Meio, da Educação Ambiental Crítica e da Pedagogia Ambiental para a transformação das UC em espaços educadores sustentáveis, pois por meio da EA é possível criar um espaço que seja educador, que seja capaz de criar um sentido de responsabilidade social, ambiental e planetária, tornando o ambiente das Unidades de Conservação um espaço de diálogo com a apropriação do conhecimento. Sendo que, a pedagogia do ambiente contribui para a volta do olhar ao entorno, à história e à cultura dos sujeitos, a fim de que possam se reapropriar do mundo. A Pedagogia Ambiental reconhece o conhecimento; observa o mundo como potência e possibilidade; entende a realidade como construção social, mobilizada por valores, interesses e utopias (LEFF, 2009).

### **Considerações finais**

Resgata-se o objetivo deste texto, qual seja, discutir possibilidades de processos de aprendizagem nas Unidades de Conservação, por meio do Estudo do Meio e embasados na Educação Ambiental Crítica.

Considera-se relevante os processos educativos em Unidades de Conservação porque são fragmentos de ecossistemas brasileiros protegidos pelos governos estaduais, municipais e federal. Portanto, práticas de Educação Ambiental Crítica que problematizem as razões para que este espaço esteja em proteção, bem como sobre a importância dos que nele interagem são necessárias a todos os brasileiros, quiçá para a população global.

Ainda, acredita-se que os parques podem ser espaços educadores sustentáveis, haja vista a possibilidade de assumirem intencionalidade pedagógica e constituírem-se em espaços de relação equilibradas com o meio ambiente, por meio de adoção de tecnologias sustentáveis, de gestão democrática e participativa e de aprendizagem colaborativa.

Defende-se os fundamentos da Educação Ambiental Crítica nos parques, devido seu caráter emancipatório, via ato político, em que se estimula a consciência crítica dos sujeitos em aprendizagem. Desse modo, o Estudo do Meio surge como uma estratégia para vivência

Junior, Marcos Vinícius Campelo; Valverde, Luiz Henrique Ortelhado; Silva, Luiz Eduardo da; Siqueira, José Flávio Rodrigues. **Unidades de conservação como espaços de diálogos para a educação ambiental crítica**. Revista Pantaneira, V.18, Edição especial IV Workshop do PPGEIO/CPAQ/UFMS e 3ª Mostra de pesquisa dos cursos de pós-graduação e graduação em geografia, “Olhares e lugares geográficos do ensino, saúde, ambiente e sociedade na pandemia”, UFMS, Aquidauana-MS, novembro de 2020.

destes fundamentos nos parques.

O Estudo do Meio é considerado um método com planejamento flexível e roteiro organizado em etapas ou momentos que visam, neste caso, ampliar a forma como os parques são vivenciados pelos humanos. As premissas do diálogo, da inclusão, da dimensão pública da educação, caras à Educação Ambiental Crítica também estão presentes nesta estratégia.

Portanto, sugere-se o entrelaçamento do Estudo do Meio, da Educação Ambiental Crítica e da Pedagogia Ambiental para a transformação das Unidades de Conservação em espaços educadores sustentáveis.

## Agradecimentos

O presente trabalho foi realizado com apoio da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/MEC – Brasil.

## Referências

- BERNARDES, J. A.; FERREIRA, P. M. Sociedade e Natureza. In: GUERRA, J.T.; CUNHA, S. B.. **A questão ambiental: diferentes abordagens**. 5 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009. p.17- 41.
- BRASIL. **Biodiversidade Brasileira. Ministério do Meio Ambiente**, 2019. Disponível em:<<https://www.mma.gov.br/biodiversidade/biodiversidade-brasileira>>. Acesso em: 20 de set. 2020.
- \_\_\_\_\_. LEI, N. 9.985 de 18 de julho de 2000. **Institui o Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC) e dá outras providências. Brasília, DF**, 2000.
- COOPER, A. D. F.; ANJOS, M. B. D. A constituição do pensamento ambiental: de Leff a Ingold–bases da visão crítica. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 9, n. 2, p. 133-146, 2014.
- DE GREGORI, M. S.; DE ARAUJO, L. E. B. EPISTEMOLOGIA AMBIENTAL: A crise ambiental como uma crise da razão. **Revista Eletrônica do Curso de Direito da UFSM**, v. 8, p. 700-711, 2013.
- FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança**. Editora Paz e Terra. 4ª Edição. Rio de Janeiro, RJ, 1997.
- \_\_\_\_\_, P. **Pedagogia do oprimido**, 34ª. ed. Rio de Janeiro, RJ. Paz e Terra, 2002.
- LEFF, E. Complexidade, racionalidade ambiental e diálogo de saberes. **Educação & Realidade**, v. 34, n. 3, p. 17-24, 2009.
- \_\_\_\_\_, E. **Saber Ambiental: sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- LAYRARGUES, P. P. A crise ambiental e suas implicações na educação. **Pensando e praticando educação ambiental na gestão do meio ambiente**. 2a ed. Brasília: Edições IBAMA, 2002.
- LOPES, C. S.; PONTUSCHKA, N. N. Estudo do meio: teoria e prática. **Geografia (Londrina)**, v. 18, n. 2, p. 173-191, 2009.
- TRAJBER, R.; SATO, M. Escolas sustentáveis: incubadoras de transformações nas comunidades. **Revista eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, 2010. Disponível em: <<https://www.seer.furg.br/remea/article/view/3396>>. Acesso em: 10 ago. 2020.

Junior, Marcos Vinícius Campelo; Valverde, Luiz Henrique Ortelhado; Silva, Luiz Eduardo da; Siqueira, José Flávio Rodrigues. **Unidades de conservação como espaços de diálogos para a educação ambiental crítica.** Revista Pantaneira, V.18, Edição especial IV Workshop do PPGE/CPAQ/UFMS e 3ª Mostra de pesquisa dos cursos de pós-graduação e graduação em geografia, “Olhares e lugares geográficos do ensino, saúde, ambiente e sociedade na pandemia”, UFMS, Aquidauana-MS, novembro de 2020.